

European Nazarene
Bible College
Library

O ARAUTO DA SANTIDADE

ÓRGÃO OFICIAL EM PORTUGUÊS DA IGREJA DO NAZARENO

1 DE JULHO DE 1984



“Certamente
cedo
venho”

Olhar para o relógio é gesto maquinal do homem e da mulher modernos. Achamo-nos em filas compridas, ou à espera do transporte público, ou ansiosos pelo noticiário, ou nervosos pelo aparecimento do médico com notícias cruciais acerca de nossos queridos. Por vezes olhamos para o relógio sem ver as horas. O tique nervoso significa apenas que esperamos, esperamos sempre e agitadamente por algo que parece nunca vir.

Num dos seus famosos provérbios, o rei Salomão diz: "A esperança demorada enfraquece o coração" (Provérbios 13:12). Sabemo-lo todos por experiência. Tenho amigos que dizem: "Esperar não é uma das minhas virtudes". Talvez você mesmo sinta a frustração de esperar, esperar e esperar algo cuja importância parece crescer com o tempo.

A experiência é universal. Num dos pequenos livros do Antigo Testamento, Habacuque, achamos estas palavras encorajadoras: "Se tardar, espera-o; porque certamente virá, não tardará".

Quando coisas ou pessoas se atrasam, impacientamo-nos. Principalmente, se o esperado é de valor elevado e tem muito a ver com o nosso presente e futuro.

Oprimidos por inimigos, dominados por forças estranhas e impenitentes, o povo de Deus esperava a redenção do Alto. Mas o tempo passava lento, corroendo a esperança e a fé dos que se tinham disposto a confiar em Deus.

Você e eu nos temos achado em tal circunstância. Parece-nos, até, que o esperado é legítimo, necessário, lógico e... urgente! Custa-nos, também, entender porque um Deus de todos os recursos—e não limitado por prisões de tempo e espaço—não nos possa socorrer de imediato. Ecoam então aos nossos ouvidos as palavras do salmista Davi, confuso por ver um aparente atraso de Deus em socorrê-lo mas,

enquanto crescia a prosperidade dos que causavam muitos dos seus problemas.

Ninguém gosta de esperar o essencial. É que na espera há dois fantasmas: um, é o de que talvez o desejado nunca venha a acontecer; o outro é que, se vier a acontecer, talvez seja tarde demais, pois já terão cessado de existir os que esperavam ser socorridos ou beneficiados. Um rei português quase derrotado, mandou este pedido dramático a um monarca espanhol: "Acode e corre que, se não corres, não encontras quem socorras".

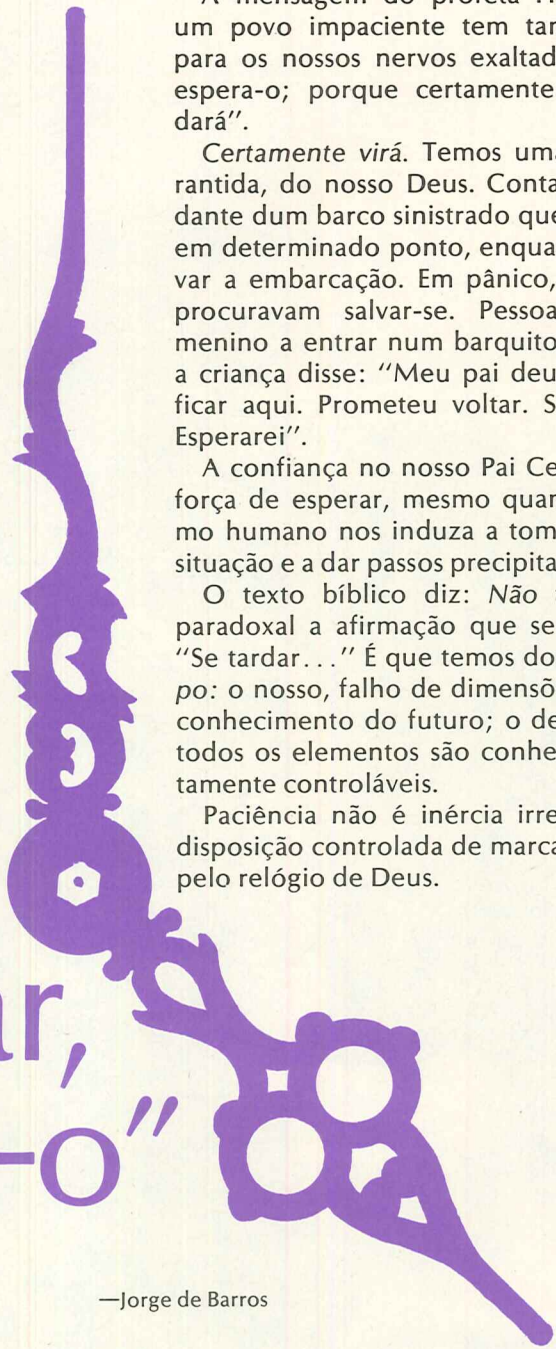
A mensagem do profeta Habacuque para um povo impaciente tem também validade para os nossos nervos exaltados: "Se tardar, espera-o; porque certamente virá, não tardará".

Certamente virá. Temos uma promessa garantida, do nosso Deus. Conta-se do comandante dum barco sinistrado que deixou o filho em determinado ponto, enquanto tentava salvar a embarcação. Em pânico, os passageiros procuravam salvar-se. Pessoas incitaram o menino a entrar num barquito com elas. Mas a criança disse: "Meu pai deu-me ordens de ficar aqui. Prometeu voltar. Sei que voltará. Esperarei".

A confiança no nosso Pai Celestial dá-nos a força de esperar, mesmo quando o nervosismo humano nos induza a tomar as rédeas da situação e a dar passos precipitados.

O texto bíblico diz: Não tardará. Parece paradoxal a afirmação que se segue à frase: "Se tardar..." É que temos dois tipos de tempo: o nosso, falho de dimensões e privado do conhecimento do futuro; o de Deus, no qual todos os elementos são conhecidos e absolutamente controláveis.

Paciência não é inércia irresponsável, mas disposição controlada de marcar o nosso passo pelo relógio de Deus. □



"se tardar,
espera-o"

—Jorge de Barros

MOTIVAÇÃO



Esta é uma palavra de muito interesse: “um impulso interior que leva alguém a agir”, como a define o dicionário.

Sabemos pela vida e experiência que é das palavras mais importantes na linguagem humana.

Onde há motivação algo sucede porque as pessoas agem. Quando ela falta, a vida desfalece—reina a monotonia. Onde a igreja permanece inactiva, domina a letargia que invade o ambiente; e nada acontece porque se esgota o interesse; e a deterioração inicia o seu trabalho demolidor.

O que torna a falta de motivação ainda mais terrível é a falta de razões ou desculpas para isso. A motivação impulsiona-nos por toda a parte. Existe hoje a maior tazon para que a igreja aja. Mesmo nas condições tragicamente sombrias que nos rodeiam há razões para actuar.

Um supremo tribunal de justiça mostrou-se alarmado com a ausência da autoridade competente que no passado formara o carácter de nossos lares, igrejas, escolas e comunidades.

O êxito dum sistema económico-político livre depende, na maior parte, do compromisso moral de todos. Sem ele, o sistema constitucional livre seria minado e substituído por uma ditadura controladora de tudo.

Alexander Solzhenitsyn atribui o declínio do Ocidente “à calamidade duma consciência humanística e sem espiritualidade”.

O juiz Burger declarou recentemente a uma associação nacional: “Possivelmente alguns dos nossos problemas de conduta procedem de termos eliminado virtualmente das escolas públicas e do ensino superior valores de integridade, verdade, responsabilidade e respeito pelos direitos dos outros.”

O crime e a delinquência ficam muito dispendiosos, modificam vidas, arruinam pessoas, atemorizam, desmoralizam e ameaçam a nossa civilização.

Temos lido ou escutado factos como estes? Estamos isolados do nosso mundo? Nós ainda temos de viver nele por algum tempo, mas os nossos filhos continuarão no seu redemoinho por período mais longo.

A igreja é a “defensora dos padrões morais”. Nós somos os que actuamos. Agora! Com pressa! No meio do desespero. É tempo de emergência.

Onde? Na comunidade em que vivemos.

Como? No campo político, votando em funcionários justos e responsáveis; escrevendo às autoridades para lhes mostrar a nossa opinião favorável a uma legislação acertada contra o mal e a encorajar à integridade moral.

Como? Procurando uma ética condigna para a nossa “cidade”. As escolas e os funcionários públicos precisam de nos ouvir de forma positiva. Esforcemo-nos por trilhar o caminho recto, não desfazendo ou criticando, mas urgindo, animando e apoiando. Quando eles procedem bem, reconheçamo-lo.

Como? Por meio de ofertas, estímulo e apoio à “grande” força da igreja. Convide e traga amigos à casa de Deus. Que aconteceria se a sua igreja marcasse uma manhã de sábado para urgir a todos em determinada área a assistir no domingo— a uma igreja—melhor ainda, à sua igreja!

Porém, por todos os meios fazer algo!

Como? Pela oração—permanecendo em oração, mais oração!

Assim, podemos confiar no grande poder, na beleza preciosa e na luz tão necessária da igreja—da nossa igreja! —no meio das trevas, para mostrar às pessoas necessitadas como viver na realidade! □

—V. H. Lewis
Superintendente Geral

O ARAUTO DA SANTIDADE

Volume XIII — Número 13
1 de Julho de 1984

BENNETT DUDNEY,
Director Geral
JORGE DE BARROS,
Director
ACÁCIO PEREIRA,
Redactor
ROLAND MILLER,
Artista
**CASA NAZARENA
DE PUBLICAÇÕES,**
Administradora

O ARAUTO DA SANTIDADE
é membro da EPA
(Associação da Imprensa
Evangélica)

O ARAUTO DA SANTIDADE (USPS 393-310) é o órgão oficial da Igreja do Nazareno nos países onde se fala o português. É publicado quinzenalmente por Publicações Internacionais da Igreja do Nazareno e impresso pela Casa Nazarena de Publicações, 2923 Troost Avenue, Kansas City, Missouri, 64109, E.U.A. Assinatura anual, U.S.\$2.00; número avulso, U.S.\$1.00. Favor dirigir toda a correspondência à Casa Nazarena de Publicações, P.O. Box 527, Kansas City, Missouri, 64141, E.U.A.

O ARAUTO DA SANTIDADE (USPS 393-310) is published semi-monthly by Publications Services — Portuguese — of the Church of the Nazarene. Printed at the Nazarene Publishing House, 2923 Troost Avenue, Kansas City, Missouri, 64109, U.S.A. Subscription price: U.S.\$2.00 per year in advance; single copy, 10 cents in American currency. Second-class postage paid at Kansas City, Missouri, 64141, U.S.A.

FOTOS:

Capa—D. Strickland
P. 4, 5—D. Gomes
P. 6, 7—D. Gomes
P. 12, 13—D. Moreno
P. 14, 15—D. Lima

como deve tratar o seu pastor

1. Aceite-o tal como ele é e não tente torná-lo no que pensa que ele deveria ser. Se forem necessárias transformações deixe esse trabalho nas mãos de Deus. Ele sabe quais são as arestas que devem ser polidas.

2. Apoie-o nas tarefas ou empreendimentos que ele se sente dirigido a iniciar. Quando ele sugerir alguma inovação, não seja culpado das "últimas cinco palavras da igreja": Nunca fizemos isto dessa maneira.

3. Trabalhe com ele, em vez de contra ele. Lembre-se que você foi um dos que o chamaram para a posição.

O REGRESSO DE CRISTO

—W. E. McCumber

Há dois mil anos que o regresso de Jesus Cristo tem sido a esperança da igreja. Esta esperança está relacionada com o regozijo e a santidade dos crentes. O Novo Testamento descreve-a como uma "bem-aventurada esperança" que purifica (Tito 2:13; I João 3:3).

A proclamação desta verdade encontrou sempre descrença e desdém, mas o desprezo do mundo não destruirá a convicção da igreja. De acordo com a promessa bíblica, a santidade e a bênção da vida dos crentes inspiram-se por toda a parte na esperança do regresso de Cristo.

É certo que Jesus voltará. Contamos com a Palavra de Deus que, para os cristãos, é suficiente. Em Marcos 13:35, Jesus disse: "Virá o Senhor da casa", promessa que se confirma com outras passagens e palavras semelhantes. Embeleza as páginas da Bíblia; como na visão de João, as pedras preciosas adornam os muros da nova Jerusalém. Cristo voltará: Ele próprio o declarou.

Ninguém sabe a hora. O Mestre disse: "Daquele dia e hora ninguém sabe, nem os anjos que estão no céu, nem o Filho, senão o Pai" (Marcos 13:32). Neste parágrafo Ele afirma mais duas vezes que "ninguém sabe a hora".

No decorrer da história desta promessa alguns têm pretendido adivinhar a data. No seu orgulho e insensatez, interpretaram "sinais", calcularam datas e atraíram seguidores; mas sofreram decepção e descrédito ao evidenciar ignorância. É fácil crer que Jesus disse "voltarei"; mas não o é aceitar as palavras "daquele dia e hora ninguém sabe".



4. Tente ver através do ponto de vista dele. A perspectiva que ele propõe pode ter sido resultado de longa experiência. Não decida votar contra pela simples razão de ele não concordar consigo.

5. Embora pastor, ele é um ser humano—trate-o como tal, e com o maior respeito.

6. Ofereça-lhe todo o apoio que puder; torná-lo-á num pregador mais efectivo. Você poderá fazê-lo esforçando-se por estar presente em cada culto ou reunião; contribuindo generosamente; orando com fervor; e colaborando com regularidade na visitação. Quando impedido de estar presente, dê conhecimento do facto ao pastor.

7. Como um ser humano, ele também corre o risco de errar ou falhar. Não o critique com demasiado rigor: quem sabe se você mesmo não foi uma das causas do falhanço...

8. Mostre uma atitude positiva em vez de negativa. Dê maior atenção àquilo que está acontecendo do que ao que poderia acontecer. Uma grande igreja não é construída por uma "equipa de demolição".

9. Lembre-se da família pastoral. Este gesto será motivo de respeito e amor.

10. Com frequência, comunique-lhe apreciação. Não lhe ofereça toda a afeição nos primeiros seis meses, esquecendo-se dele daí em diante, salvo nalguma ocasião especial.

11. Ao encarar problemas, procure o seu conselho. Não espere até que a situação se agrave. Quando buscar a orientação do pastor, siga-a.

12. Não se deixe levar pela tentação de pensar que ele vem ser o pastor de um povo perfeito numa igreja perfeita. Ele bem sabe que isso seria impossível. □

Os especuladores são responsáveis, em grande parte, pelo cepticismo daqueles que rejeitam a esperança da segunda vinda. Esses falsos profetas falam demasiado. Porém, néscias hipóteses dos homens não tiram à promessa de Cristo a sua verdade e valor. Ele virá, embora não saibamos quando. No entanto, a nossa fé baseia-se na veracidade d'Aquele que disse: "Passará o céu e a terra, mas as minhas palavras não passarão" (Marcos 13:31).

Na certeza do Seu regresso e na incerteza da hora o povo de Deus é convidado a viver em constante vigilância: "Olhai, vigiai e orai; porque não sabeis quando chegará o tempo" (Marcos 13:33). Nesta passagem é mencionada quatro vezes a palavra "vigiai".

Que quer dizer "vigiar"? É o que deviam ter feito os falsos profetas e intérpretes de sinais. Cristo di-lo claramente. Os que formam o Seu povo são como servos a quem foi

distribuída uma tarefa para fazer enquanto o Senhor estiver ausente. Estar alerta significa cumprir o mandato de vigiar e de ser servo fiel na Sua obra. O trabalho e a vigilância são um único mandato.

A tarefa da igreja consiste em pregar o evangelho e confirmar os convertidos. Cristo declarou: "Ide, ensinai todas as nações, batizando-as em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo; ensinando-as a guardar todas as coisas que eu vos tenho mandado; e eis que eu estou convosco todos os dias, até à consumação do século" (Mateus 28:19-20).

Jesus Cristo voltará. Declara-o a Sua Palavra. Ignoramos quando. Mas sabemos o que devemos fazer até ao Seu regresso. A Sua Palavra no-lo indica e, para nós, isso basta.

A Palavra de Deus é suficiente para manter a nossa esperança. Nem o tempo nem o cepticismo apagarão a esperança que inspira a Sua promessa.

Essa Palavra ajuda-nos a rejeitar a especulação. Aceitamos a nossa ignorância bem como a Sua sabedoria.

A Sua Palavra inspira-nos a servir. Somos obreiros à espera do regresso do Senhor. □

“tarefa habilmente cumprida”

Houve há tempos um roubo no Banco do Brasil. Os assaltantes, três homens e duas mulheres de boa aparência, pertencem a uma quadrilha internacionalmente conhecida. Levaram um total de quinhentos milhões de cruzeiros.

Chegaram ao banco às 13:15 horas. Dois dirigiram-se ao gerente, enquanto os outros três aguardavam à porta da entrada. Por precaução, arremessaram uma bomba de gás sonífero na guarita do guarda que ficou logo inanimado.

O mais interessante é que o movimento do banco continuou em ritmo normal. Não houve alarme nem pânico. Exteriormente, tudo corria como de costume. Dois dos criminosos aproximaram-se da mesa do gerente e, com apontando uma arma de fogo, exigiram que ele emitisse uma ordem ao caixa nº 5 para liberar a quantia desejada.

—Se tudo correr normal, não haverá mortes— declarou com ênfase um deles.

O gerente obedeceu prontamente à imposição e passou o cheque. Recebido o dinheiro, os assaltantes saíram sem deixar qualquer suspeita aos presentes. Estavam tranquilos, pois tinham desligado o alarme.

“Tarefa habilmente cumprida”, comentou o gerente ao relatar o facto à polícia.

É desta forma que o pecado nos arrasta à perdição eterna. Foi com uma “tarefa habilmente cumprida” que no Éden Satanás, o pai da mentira, enganou o homem com argumentos de “boa aparência”.

O pecado faz-nos dormir um sono profundo e, por vezes, chega a cegar-nos completamente. “Estando um certo mancebo, por nome Eutico, assentado numa janela, caiu do terceiro andar, tomado de um sono profundo, que lhe sobreveio durante o extenso discurso de Paulo; e foi levantado morto” (Actos 20:9). Do sono para a morte continua a haver pouca distância.

O pagamento do pecado é elevado. Implica uma quantia que nunca mais se poderá recuperar: morte eterna. “Porque o salário do pecado é a morte, mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna, por Cristo Jesus, nosso Senhor” (Romanos 6:23).

Estejamos alerta!

Jesus, o Mestre por excelência, aconselhou-nos a estar vigilantes. Declarou: “Vigiai, pois, porque não sabeis a que hora há-de vir o vosso Senhor; mas considerai isto: se o pai de família soubesse a que vigília da noite havia de vir o ladrão, vigiaria e não deixaria minar a sua casa” (Mateus 24:42-43).

Também nos garante uma grande recompensa: “O ladrão não vem senão a roubar, a matar e a destruir: eu vim para que tenham vida, e a tenham com abundância” (João 10:10). □

haverá
esperança
depois
da
morte?

—C. Neil Strait



Leonard Griffith conta de certo teólogo que faleceu aos 46 anos de idade. Entre as pessoas que sentiram a sua morte encontrava-se um menino de três anos que costumava brincar com a filha de Griffith. O menino estava perplexo e indignado. Quando a mamã lhe explicou que aquele homem estava com Deus, ele respondeu com plena aceitação e compreensão: "Oh, então ele está vivo!"

Recordemos que a morte apenas tira a presença física, o que nos é difícil aceitar. No entanto, ela não altera a esperança nem a realidade.

O cristão tem uma esperança que ultrapassa a vida física. Embora a morte seja intrusa, não pode iludir o coração nem arrebatara a confiança que o cristão tem em Deus. Por isso, a morte é para ele um princípio e não um fim. No diário de Anne Frank há um surpreendente elogio à esperança. Quase ao final da história, quando Ana e os pais ouvem a Gestapo derrubar a porta do seu esconderijo, Otto Frank anima-os com estas palavras: "Os últimos dois anos vivemo-los com terror, agora podemos viver com esperança".

Para o cristão, a morte é unicamente o fim do que é material. A vida continua com Deus; e as esperanças "deste vale de lágrimas" guiam-nos para nova jornada.

A morte não é só um novo capítulo de esperança, mas também a libertação do sofrimento e do corpo enfermo e fraco. Embora o crente possa apreciar a vida e suas alegrias, a dor e a tristeza acompanham-no. A morte liberta-nos da fase temporal da vida e introduz-nos à existência imortal. No Apocalipse (14:13) achamos uma promessa animadora: "Bem-aventurados os mortos que, desde agora, morrem no Senhor. Sim, diz o Espírito, para que descansem dos seus trabalhos".

No mausoléu em que repousa o corpo de Martin Luther King encontra-se a frase: "Finalmente livre". Só o cristão pode considerar a morte como o princípio da vida eterna.

Outro conceito da morte está relacionado com a vida. Quando consideramos a vida na perspectiva bíblica—um dom de Deus—então aceitamos que Ele lhe ponha limite. John Claypool escreveu um livro no qual compartilha o sofrimento e a tristeza pela perda da filha. Considera a vida como um dom que se deve tratar com gratidão. Diz: "Esta é apenas a descida da montanha da perda. Não quero dizer que tal perspectiva torne as coisas mais fáceis, porque não é assim. No entanto, ameniza a situação. Quando penso que Laura foi um presente puro e simples, algo que eu não merecia, não ganhei nem tinha o direito de possuir—e que a resposta adequada a um presente, mesmo quando no-lo tirem, é a gratidão—, esforço-me cada vez mais por agradecer a Deus que me deu".

Estes conceitos não representam de forma alguma um esforço por ignorar a dor e a realidade da morte. A aflição do crente é real, o sofrimento é profundo, a morte é horrível e aterradora. Entretanto, todos esperamos compreender um dia o propósito e a trajetória para além da morte, o que nos mantém no caminho, anelantes pelo dia da esperança e da imortalidade da nossa própria vida. □

Uma anedota antiga diz que é preciso bilhete para o céu mas, se não aproveitarmos a oportunidade, poderemos ir gratis para o inferno. Talvez seja um tanto especulativo, mas tudo o que dissermos acerca do inferno terá o cunho de incerteza, porque pouco sabemos acerca desse lugar. Se conhecêssemos todos os detalhes, deixaríamos de falar e os nossos corações ficariam gelados de terror (é por isso que os anjos se regozijam quando um pecador se converte; e eles sabem o que é o inferno).

A maioria das pessoas concebem assim o inferno: depois da morte despertam perante Deus e o Seu trono de juízo; sentem-se quais criaturas insignificantes e transparentes. Deus busca a página onde estão os nomes e revê a lista das acções boas e más feitas durante a vida. Finalmente, fecha o livro e pronuncia a sentença: "Sinto muito, mas o único que posso fazer é enviá-los para o inferno". Aparecem então dois anjos que atiram cada pessoa para o lago de fogo. Lá, o diabo encarrega-se dos outros pormenores. As almas ficam ao seu dispor para sempre.

Esqueça-se de tudo o que tem pensado acerca do inferno, porque a maior parte do que se diz é pura fantasia. Jesus Cristo, a nossa melhor fonte de informação, deu poucos pormenores quando falou do céu e do inferno. Além disso, só usou a linguagem figurada das parábolas. Creio porém, não haver necessidade de discutir a existência do inferno. Cristo disse-o e eu creio. Mas que sabemos acerca do inferno?

A realidade final

Não pensemos no inferno como ameaça de Deus. Ele é uma realidade. Aqueles que não querem estar com Deus, serão apartados da Sua vista. Isso é o inferno. No entanto, Deus não determina quem vai ou não para o inferno. Ele deixa que nós façamos a decisão.

Segundo a Bíblia, a nossa decisão manifesta-se na resposta que dermos ao convite de Jesus, o Filho de Deus. Se crermos n'Ele e O seguirmos, estaremos com Ele. Caso contrário, seremos condenados. A decisão é nossa.

Outro falso conceito que temos é de que Deus criou o inferno para castigar os pecadores. Não é verdade. O inferno foi criado para o diabo e seus seguidores; para os espíritos malignos que se revoltaram contra Deus, não para os seres humanos. Deus criou o céu para o Seu povo. Traçou um plano para nos salvar. Quem rejeitar o perdão terminará no inferno. Saber que tudo o que foi dito acerca de Deus e da Sua infinita bondade era verdade, e não poder estar com Deus no céu, será castigo suficiente.

Segunda oportunidade

Muita gente opõe-se à ideia de castigo eterno. Pergunta: Que necessidade haverá do inferno? Esquecem-se de que o mundo não foi criado para ser o que é agora. O plano original era totalmente diferente.

O homem foi criado para viver eternamente com Deus, usufruir do Seu companheirismo e ter saúde e felicidade. Mas houve um curto-circuito. Quando surgiu o

mal, pela desobediência do homem, Deus declarou guerra ao mal e limitou a duração do mundo. O enredo mundial não passa de uma interrupção passageira. Se o pudéssemos ver sob a perspectiva divina, consideraríamos o mundo em que vivemos como ligeira mancha. Deus prometeu acabar com a dor e com o mal, de uma vez para sempre.

Outra objecção contra o inferno é a daqueles que dizem: "Se Deus é tão bom, por que não dá uma segunda oportunidade?" A verdade é que Deus dá milhares de oportunidades. E daria um milhão mais se soubesse que as aproveitaríamos para nosso bem. C. S. Lewis explicou-o assim: "Um professor sabe quando o aluno está pronto para exame e se ficará aprovado ou não. Se o aluno foi examinado muitas vezes e reprovou, será possível aprová-lo só por tornar a fazer o exame? Não. Deve haver um exame final. E será quando o Mestre voltar a este mundo e o tempo de exames tiver terminado."

As pessoas que se queixam de não haver segunda oportunidade continuam a ver Deus como um juiz severo que se compraz em enviar almas para o inferno. Pensam que Deus está escondido à espera que elas cometam uma fal-

O inferno não é o que você pensa

ta para as castigar. Deus não é assim. Ele fez quanto estava ao Seu alcance para que recebamos a Sua mensagem de amor e perdão.

Ele revelou-nos na natureza a Sua majestade. Deu-nos a Bíblia que aponta o caminho a seguir. Encarnou para nos comunicar a Sua mensagem, usando a linguagem familiar aos homens. Além disso, morreu por nós e ressuscitou. Duvidaremos agora de que a vida que Ele nos promete seja real?

Que quer você que faça Deus?

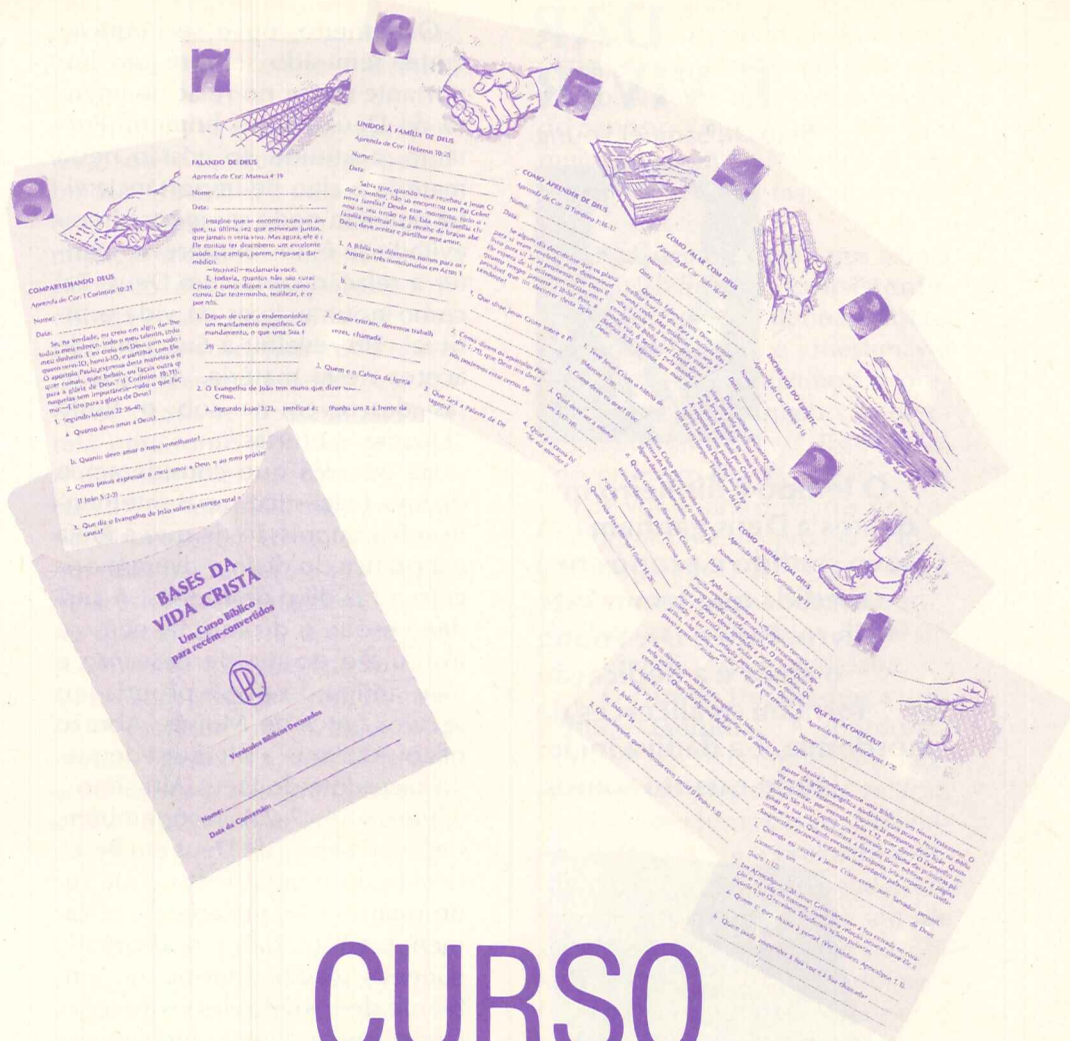
Sempre que você fale sobre o inferno, haverá quem diga: "Se eu fosse Deus perdoaria a quem está no inferno e lhe daria liberdade". Dão a entender que Deus está longe e Se mostra indiferente ao sofrimento humano. Dizem: "Se o sofrimento do inferno é real, como poderá Deus saber dele sem procurar uma solução? Será assim tão duro de coração?"

Pode responder-se com outras perguntas. Que quer você que Deus faça? Que lhe perdoe os pecados? Já o fez pela morte de Cristo na cruz. Não cessa de oferecer o perdão; o que falta é aceitá-lo. O inferno é para aqueles que o rejeitam.

Se alguma vez você se tem perguntado como será o inferno, este mundo dá-lhe uma ideia; achamos aqui semelhanças. A presença de Deus é o único elemento que impede que o mundo seja um verdadeiro inferno. Se no mundo faltassem a bondade e a virtude, reinaria a maldade—crimes, roubos e guerras como nunca. Seria tal o sofrimento e o caos que ninguém desejaria viver aqui.

Deus deseja que cada um escolha o céu. Para isso basta responder positivamente a Cristo; pedir-lhe perdão e salvação. Ele disse: "O que vem a mim, de maneira nenhuma o lançarei fora" (João 6:37). É promessa que podemos aceitar ou rejeitar. A decisão é nossa.

—Steve Lawhead



CURSO BÍBLICO

BASES DA VIDA CRISTÃ—um curso que ajudará o recém-convertido, o aluno da Escola Dominical, o que deseja ser membro da Igreja, a firmar-se na vida cristã.

É BREVE—Contém 8 lições.

É BÁSICO—Trata de 8 temas essenciais à vida cristã.

É BOM—Saboreado o leite da Palavra, os Filhos de Deus desejarão a carne espiritual.

Encomende suficientes exemplares para elementos da Igreja e da Escola Dominical

Preço por unidade—US\$ 1.00

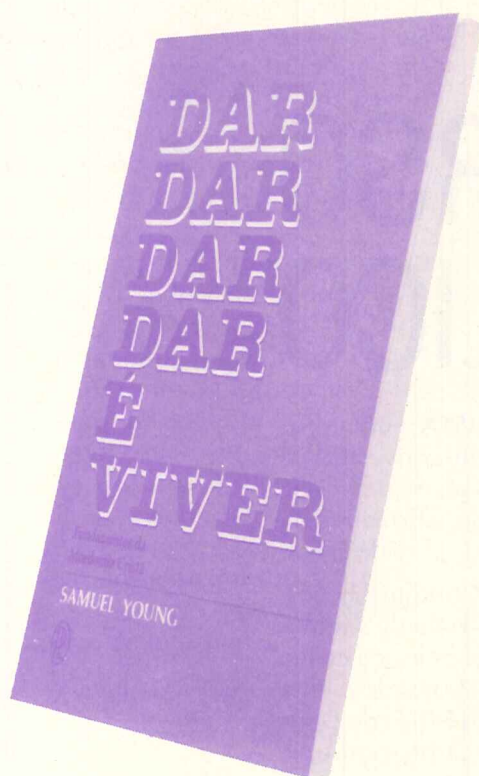
CASA NAZARENA DE PUBLICAÇÕES

DAR É VIVER

Pelo Dr. Samuel Young



O tempo e dinheiro que damos a Deus ganham um novo sentido e propósito à medida que lemos este livro. Para o Dr. Young o amor e a dedicação formam os alicerces da mordomia. E a dádiva inclui tudo quanto somos.



**Faça o seu pedido à
CASA NAZARENA DE
PUBLICAÇÕES**

90 páginas. Brochura.
U.S.\$2.00

O dinheiro, ou o seu equivalente, tem sido sempre um importante factor no relacionamento de Deus com o homem. Portanto, a atitude do cristão nesta matéria é algo de importância vital que não pode ser ignorado ou evitado se é nosso interesse manter a relação certa com Deus. Tal como noutras fases da vida espiritual, Ele revelou a Sua vontade acerca desta matéria. As Escrituras descrevem-na sob o título "Dízimos e ofertas."

Há aqueles que consideram o dízimo legalístico, aparentemente sob a impressão de que a ideia e a prática do dízimo tiveram origem no código de Moisés. A verdade é que o dízimo, tal como a instituição do dia de descanso é mais antigo do que a própria lei; séculos antes de Moisés, Abraão pagou dízimos a Melquisedeque, "o sacerdote do Deus Altíssimo", (Génesis 14:17-20). Jacó também, depois da visão de Deus em Betel, declarou em juramento: "De tudo quanto me concederes, certamente eu te darei o dízimo.", (Génesis 28:22). Mesmo no ambiente degradado das civilizações pagãs encontramos indícios de um sentimento de obrigação para com Deus; praticamente todos os povos antigos, incluindo fenícios, egípcios, caldeus, árabes, gregos e romanos, pagavam dízimos às deidades que adoravam.

Tenhamos em mente que a lei não cria o dever, simplesmente define-o; e não é mais do que a expressão de uma verdade ou relação fundamental. A inclusão desta lei nas ordenanças de Moisés não criou o dízimo mas apenas ofereceu uma expressão concreta daquele sentimento de obrigação para com Deus que caracterizou o Seu povo em todas as eras. Na realidade, o princípio do dízimo parece estar gravado no íntimo do pensamento e da experiência religiosa do homem. Uma evidência adicional da importância básica do dízimo encontra-se na declaração das Es-

crituras de que reter o dízimo é "roubar a Deus", e de que o pagamento deste é uma condição essencial para bênçãos espirituais (Malaquias 3:8-10).

A vinda de Jesus iniciou a dispensação neotestamentária da graça; portanto, o acto de dar considera-se, agora, sob o âmbito da graça e não da lei, daí a exortação de Paulo aos coríntios para que "assim também abundassem

dízimo: o desafio divino



—Hugh C. Benner

nesta graça" (II Coríntios 8:7). Há aqueles que negam a validade do dízimo com base neste argumento. Contudo, devemos nos lembrar que Jesus disse: "Não penseis que vim revogar a lei ou os profetas: não vim para revogar, vim para cumprir" (Mateus 5:17). Na exposição deste princípio descrito em Mateus 5, Ele deixou bem claro que o Evangelho não tem menos mas mais implicações

do que a lei. Em outras palavras, "A graça equivale à lei e a muito mais."

Portanto, se o dízimo representava, sob a lei, a mínima responsabilidade financeira perante Deus, é lógico que a graça não pode implicar menos do que isto. Se a retenção dos dízimos foi considerada roubo no período do Antigo Testamento, não pode merecer menos severidade sob a graça. Além disso, se o dízimo constituía uma fonte de bênçãos espirituais sob a lei, certamente que, sob a luz completa da revelação na dispensação cristã, nada menos deverá ser esperado. Podemos estar completamente certos de que o dízimo é apoiado pelo sentimento de obrigação para com Deus inerente ao homem, pelas Escrituras do Antigo Testamento, pelos ensinamentos de Jesus Cristo e pelo pensamento e prática do Novo Testamento.

O Desafio

Trazei todos os dízimos à casa do tesouro. Com estas palavras, Deus incentivou o Seu povo, e o desafio ainda permanece. A Igreja de Jesus Cristo tem de o enfrentar. Que está envolvido neste desafio?

1. O Dízimo Desafia a Nossa Obediência. O pagamento consistente do dízimo apresenta ao cristão uma oportunidade para exercitar a sua obediência, de forma prática, e de dar uma prova concreta da sua dedicação a Deus. A obediência a Deus não se limita a mero sentimento, exige uma demonstração detalhada.

2. O Dízimo Desafia a Nossa Fé. "Eu pagarei o dízimo quando as possibilidades o permitirem." Esta é uma das desculpas mais frequentemente ouvidas. Ninguém se torna dizimista fiel esperando pelas possibilidades. O diabo está constantemente oferecendo desculpas para a demora. Contudo, Deus espera que enfrentemos este desafio à fé e que, independentemente daquilo que

possuímos, paguemos os nossos dízimos como expressão concreta da nossa confiança na promessa do Senhor: "Buscai, pois, em primeiro lugar, o Seu reino e a Sua justiça, e todas estas cousas vos serão acrescentadas."

3. O Dízimo Desafia-nos a uma Responsabilidade Consistente. Tudo aquilo que defina e traga responsabilidade é inestimável para o cristão. O dízimo faz precisamente isto. "Quanto à coleta para os santos. . .," disse Paulo, "no primeiro dia da semana cada um de vós ponha de parte, em casa, conforme a sua prosperidade" (1 Coríntios 16:1-2). "Trazei todos os dízimos à casa do tesouro" (Malaquias 3:10). Estes imperativos definem responsabilidade.

4. O Dízimo Desafia-nos a uma Atitude Espiritual. A mordomia cristã é essencialmente uma experiência espiritual, uma relação pessoal com Jesus Cristo. Mas envolve "coisas"; e a prova de mordomia fiel é proporcionada, em grande parte, pela nossa atitude para com as "coisas" que nos foram confiadas na posição de mordomos. O dízimo desafia-nos a avaliar as nossas riquezas à luz dos valores espirituais. Com que vontade desejamos a efusão das bênçãos de Deus? O dízimo, por si só, não trará automaticamente tal bênção mas, sem a prática do dízimo, esta não é possível.

"Dízimo: O Desafio Divino." Temos aqui algo que não é facultativo. Trata-se do desafio de Deus para completar a vida e o serviço cristão efectivo. O dízimo é o plano financeiro de Deus. O dízimo—"dízimo para a casa do tesouro"—é bíblico, lógico, simples, equitativo, automático, independente e garantido. *Traçamos os nossos dízimos como uma expressão de obediência, de fé, de reconhecimento da responsabilidade e de desejo intenso de bênçãos espirituais. Dêmos ofertas como expressão do nosso amor abundante por Jesus Cristo.* □



A SEGUNDA VINDA

Theodore E. Martin

Algumas pessoas confundem “cedo” com “rápido”. A primeira palavra, porém, refere-se à aproximação; a segunda, ao modo repentino da vinda do Senhor. Jesus avisou os Seus seguidores que estivessem alerta. Muitos seriam enganados por falsos profetas, mas outros conseguiriam discernir o tempo do regresso de Cristo. O Mestre prometeu que viria inesperadamente: “O Filho do homem há-de vir à hora em que não penseis” (Mateus 24:44).

Em João 16:4, Jesus explica todas as coisas futuras para que, quando aconteçam, reconheçamos que Ele já no-las tinha dito. Ignoramos quando, mas temos a certeza de que o Senhor voltará.

Os discípulos perguntaram a Jesus: “Quando serão essas coisas, e que sinal haverá da tua vinda e do fim do mundo?” Ele não respondeu à pergunta, antes aconselhou: “Acautelai-vos, que ninguém vos engane” (Mateus 24:3-4). Disse-lhes o que iria acontecer e que esses eventos não indicavam o tempo da Sua vinda. Tinham outro propósito.

O princípio de dores

E o outro propósito das predições de Jesus foi vincar a certeza da Sua segunda vinda.

Guerras, revoluções, fome, pestes, terremotos—seriam como as dores de parto duma mãe. Tais catástrofes podem originar justificada preocupação, mas Jesus advertiu que elas não nos devem levar ao desespero. Não são sinal de que a história ou a natureza estejam fora do alcance de Deus. Indicam que o Senhor nos conduz ao início de nova era.

Talvez o marido se assuste quando a esposa começa a sentir as dores de parto. Entretanto, os parentes e amigos recordam-lhe que são sinal duma nova vida. Da mesma forma, Cristo urge aos Seus discípulos que vigiem o decorrer da história com a confiança de que Deus sabe o que faz e as Suas promessas não podem falhar.

As pessoas que observam com demasiado alarme a nossa época, ou qualquer outra, mostram ter a esperança em estruturas e instituições humanas. O medo engana-as. A perda de bens materiais significa para elas insegurança e instabilidade. No entanto, os cristãos devem ser diferentes. Sabem que, quando o

AS FALHAS FAZEM PARTE DA VIDA

Durante os primeiros anos da minha vida, a nossa família vivia numa pequena cidade onde as ruas eram estreitas e com valetas.

Quando nevava, era difícil determinar os limites da estrada. Eu tinha na mente certas curvas e voltas à direita. Algumas vezes, ao fazer tais curvas, o carro resvalava para dentro da valeta. Nesse caso, se você parasse, quase sempre ficava lá.

Um condutor experiente saberia que, se não parasse o carro, ele era capaz de sair da vala com tanta facilidade como nela tinha entrado.

Tenho observado que os momentos mais críticos da vida são aqueles em que saímos fora do caminho. Muitas vezes abrimos valas por nossas próprias falhas; outras, pelas ações de mais alguém. Não é tempo de parar; se continuarmos, sairemos de tal situação.

O canto do galo foi a valeta de Pedro, mas ele não ficou lá. Depois disso escreveu o melhor de sua vida.

As biografias de Pedro e Judas são, de certa forma, semelhantes; mas acabaram, literalmente, em “mun-

dos diferentes”. Ambos chegaram ao momento em que falharam tragicamente. Judas traiu o Mestre e Pedro negou-O.

Mas, finalmente, Judas é desprezado como o menor e Pedro exaltado como o maior. A diferença entre eles residiu no modo como procederam após as falhas.

Quando Judas tentou anular a sua traição e não conseguiu (Mateus 27:3-4), enforcou-se. Porém, Pedro, embora chorasse amargamente por ter negado o Salvador (Mateus 26:75), permitiu que o Senhor usasse o seu orgulho ferido e o tornasse em testemunha poderosa do amor de Deus.

Judas deixou que o fracasso marcasse o fim da estrada e parou acabando por ser destruído. Pedro permitiu que o Senhor usasse a sua falha de forma a transformar a vida, uma espécie de operação dolorosa no caminho para o serviço espiritual.

Falhas fazem parte da vida diária. Não há êxito sem elas. O que fazemos com elas determina, em grande

temporal finda, abre-se caminho para a eternidade.

Os falsos profetas

Nosso Senhor também pronunciou essas palavras proféticas para lembrar aos fiéis que será tempo de provas.

Devemos olhar para os acontecimentos como se fossem dores de parto. As dificuldades refinarão a alma e sentiremos compaixão por aqueles que sofrem.

A fé no cumprimento das promessas será provada. O cristão será atraído, odiado e atormentado. Terá de enfrentar o ataque injusto daqueles que o acusarão de ser a origem dos problemas da terra.

Também surgirão falsos profetas que espalharão erros por toda a parte. O evangelista João avisou que negar a encarnação de Jesus Cristo será oferecer evidência da presença do anticristo. Os falsos profetas não só se opõem à verdade, mas ainda a deturpam para chegar a conclusões irreais. Citar a Bíblia não basta para provar conclusões falsas.

O espírito do mundo pode-se infiltrar até no coração do crente. Em Mateus 24:12, Cristo disse: "Por se multiplicar a iniquidade, o amor de muitos esfriará".

A dureza e a indiferença afetarão os próprios filhos de Deus que não lhes resistirem com a ajuda divina.

Perante tais aflições, decepções e indiferenças, o Mestre desafiou: "Mas aquele que perseverar até ao fim será salvo" (Mateus 24:13). Num versículo semelhante do Evangelho de Lucas (21:19), Cristo declara: "Na vossa paciência possuí as vossas almas". Nos últimos dias será difícil ser-se íntegro, mas é possível. Deus tem graça suficiente para o tempo que nos cabe viver.

Então virá o fim

Não importa o que irá acontecer nem quanto tempo dure, pois Jesus disse aos discípulos que a sua missão havia de ter êxito antes do fim. A era da igreja não durará para sempre. O fim chegará quando a igreja tiver cumprido a sua tarefa. Cristo enviou os discípulos ao mundo para pregarem o evangelho a toda a criatura. Todos os países terão a oportunidade de ouvir e crer. Quando tal acontecer, então, chegará o fim.

Alguns pretendem afirmar que a "explosão de comunicações" significa que em breve, por meios eletrônicos, haverá possibilidade de pregar o evangelho a toda a criatura. O meu coração diz: Façamo-lo já. □

—Morris Chalfant

parte, o êxito; e revela o nosso carácter. As falhas tanto podem ser um obstáculo como um trampolim. O ser humano nasceu sujeito não só a problemas, mas também a falhas.

Isso é verdade em todas as áreas da nossa vida—pessoal, vocacional, social e religiosa. Desde a infância que passamos tempo a aprender e a reaprender verdades ensinadas por fracassos. Se temos madureza, chegamos a triunfar. Mas os inexperientes deixam-se esmagar pelas falhas.

Humphrey Davy, químico inglês, disse: "A mais importante das minhas descobertas foi-me sugerida pelas falhas". Permitirá você que Deus use os fracassos para manifestar o Seu poder?

No fim daquela noite escura, com redes vazias e sem esperança, os discípulos de Jesus ouviram uma voz que dizia: "Tendes estado a pescar à vossa maneira, agora pesquem da minha". Eles obedeceram e encheram-se as redes.

Quando foram ter com o Mestre esperavam ouvir

palavras ásperas sobre as suas falhas. Ficaram surpreendidos ao encontrá-lo a sorrir e cheio de amor: com o lume aceso e comida preparada. Nem sermões, nem críticas, nem ameaças. Somente o amor expresso no fogo, no companheirismo e na refeição. É assim que Deus lida com o homem. O evangelista João ensina, no capítulo 21, que Cristo está até mesmo nas nossas falhas. Dando-lhe oportunidade, Ele ajudar-nos-á a ter êxito.

Só anos mais tarde é que Pedro e João, indo à casa de oração, foram abordados por um coxo junto à porta Formosa do templo. Pedro disse-lhe: "O que tenho, isso te dou: em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, anda!" (Actos 3:6).

O outrora Pedro e João tinham falhado. Agora, restabeleceram-se—e o coxo pôs-se em pé "saltando e louvando a Deus"! Também nós podemos vencer as falhas se dedicarmos tempo à oração, ao cultivo de atitudes interiores de confiança e certeza; e se enfrentarmos o futuro no poder que vem da oração. □



"JUBILEUS"

O Distrito Rio/São Paulo da Igreja do Nazareno do Brasil, no ano do seu Jubileu de Diamante —a nível internacional—e de Prata, a nível nacional, iniciou o seu ciclo comemorativo, que vai de Outubro de 1983 a Outubro de 1984, com uma série de programações especiais.

A Juventude Nazarena Distrital, sob a direcção do seminarista Ivo-

nildo Teixeira, organizou um festival de música sacra inédita. O encontro que teve lugar no "Parque Municipal de Santo André, SP", foi concorridíssimo e muito desafiador. Sentimo-nos abençoados e felizes com tantos talentos jovens das igrejas do distrito, a serviço da causa do evangelho. Música de boa qualidade! Houve também várias palestras sob temas pertinentes.



DIA DO ANIVERSÁRIO DA IGREJA

No dia 12 de Outubro de 1983, feriado nacional, cerca de mil nazarenos das Igrejas de Americana, Campinas e São Paulo, reuniram-se para o início das comemorações do aniversário da Igreja.

Um coral misto, representando as duas regiões, com cerca de 150 participantes, o Coral do Seminário, o Quarteto Nazareno e outros abrilhantaram o evento. Foi uma noite de muita inspira-

ção. Os Revs. J. E. Wood e Joaquim Lima fizeram retrospectivas do trabalho dos anos 1908/1958 e 1958/1983, respectivamente. O Rev. Aguiar deu uma perspectiva da Igreja em relação ao futuro.



PRIMEIRO RETIRO DE PASTORES DISTRITO REGULAR—RIO/SÃO PAULO

Prosseguir em vez de chegar!
Três dias e metade de um dia...

O último foi incompleto, para deixar em cada um de nós, que participamos do 1º Retiro de pastores do Distrito Regular da Igreja do Nazareno, Rio/São Paulo, a necessidade de *prosseguir* em vez de *chegar*.

O ponto alto do retiro foi a presença do Rev. Miguel Rodriguez, superintendente distrital da Igreja do Nazareno no Uruguai, que compartilhou, em cada culto, mensagens e experiências desafiadoras.

Os pastores e líderes do novo distrito, que ensaia os primeiros passos como distrito regular, necessitava realmente do toque divino, da inspiração, da consciência de urgência para uma visita concreta do Espírito Santo. As mensagens ouvidas durante aquele retiro abriram esse espaço.

A hora é grave, tanto no cenário nacional como no mundial. Acreditamos que Deus deseja arrancar-nos da comodidade de uma santidade confortante, para nos lançar no torvelinho de uma santidade operante.

Houve balanços e até conflitos interiores, pois realmente não é com tranquilidade que conseguimos um mergulho interior e um confronto conosco mesmos.

Os temas ali abordados constituem a própria razão de ser da Igreja do Nazareno. Alguns deles, entre outros, foram apresentados na interrogativa: Porque creio na santidade? Quais os sinais de que preciso a santidade? Afinal, o que é o amor?

Conceitos foram desdobrados, propostas apresentadas, desafios lançados. Mas, acima de tudo, avaliámos nossas próprias estaturas e a estrutura de nossos alicerces.

Glória a Deus, não chegamos! Saímos com a necessidade urgente de prosseguir. Que Deus continue inspirando os nossos líderes e dando-lhes razões para outros retiros como este.

Obrigado Distrito Rio/São Paulo.

Obrigado Rev. Joaquim Lima e Da. Guilhermina.

Obrigado pastores do Rio de Janeiro.

Obrigado administradores e irmãos eficientes do Acampamento Batista—Rio Bonito.

—Zilta R. C. Oliveira (Cronista)



REVESTIDOS DE IMORTALIDADE



Garanto-vos, pois, meus irmãos, que é completamente impossível que a carne e o sangue venham a possuir o reino de Deus. O transitório nunca poderia superar o eterno.

Ouvi o segredo que vou confiar-vos. Nem todos morreremos, mas num abrir e fechar de olhos, cada um de nós se modificará quando a trombeta soar! A trombeta soará e os mortos ressuscitarão sem qualquer espécie de corrupção, e nós que ainda estivermos vivos seremos instantaneamente transformados. E, esta nossa natureza corruptível, revestir-se-á de incorruptibilidade, e os corpos mortais, de imortalidade. Por isso, quando o corruptível se transformar em incorruptível, e o mortal em imortal, verificar-se-á o que está escrito: **A morte foi tragada na vitória.**

Porque vens então, ó morte, ferir-nos com o teu poder? Onde, ó sepultura, a vitória que esperavas? Foi o pecado que deu à morte esse poder, e a Lei é que deu a força ao pecado. Graças a Deus, então, que nos dá a vitória sobre tudo isto por nosso Senhor Jesus Cristo!

Firmeza, meus irmãos! Que nada vos impeça de trabalhar para o Senhor, pois podeis ter a certeza de que tudo o que fizerdes por Ele, nada se perderá!

—S. Paulo (I Coríntios 15:50-58, Phillips)

NOVO LANÇAMENTO

ESSE MESMO JESUS

cânticos
do seu
prometido
regresso

Uma
apresentação
coral
extraordinária

74 páginas
Preço US \$3.00

